

McDowell e a indelimitação do conceitual. Um retorno ao pensamento objetivo de Hegel?*

Michela Bordignon

Universidade Federal do ABC (UFABC)

ABSTRACT: In this article, I will try to answer the following question: is McDowell's notion of the unboundedness of the conceptual a return to Hegelian idea of objective thought? The article will be divided into two parts: 1) in the first part, I will examine some points of convergence of Hegel's idea of objective thought with McDowell's notion of the unboundedness of the conceptual; 2) in the second part, I will show that the lack of justification of McDowell's understandings of the logical space of concepts prevents to equate its unboundedness with the absolute character that Hegel attributes to the notion of logical form.

While Hegel's analysis of the constitution of conceptual space is completely justified and mediated in itself, McDowell's idea of the combination of spontaneity with receptivity and hence of the unity of subjectivity and objectivity is taken as way out of *aporiai* of empiricism and idealism.

KEYWORDS: Hegel, McDowell, Unboundedness of the Conceptual, Objective Thought

1. *Hegel e McDowell: pensamento objetivo e conceitual sem delimitações*

A relação entre subjetividade e objetividade, pensar e ser, mente e mundo, representa o problema crucial nas propostas filosóficas de McDowell e Hegel.

Tanto para Hegel quanto para McDowell, a cura para as angústias filosóficas acerca da relação entre mente e mundo, pensar e ser, consiste na revisão do pressuposto do dualismo entre subjetividade e objetividade que afeta o pensamento moderno e contemporâneo. Esta revisão é elaborada por Hegel na sua concepção de pensamento objetivo, onde as determinações do pensamento são, ao mesmo tempo, as puras formas da realidade. A mesma revisão do dualismo entre subjetividade e objetividade é elaborada por McDowell na sua ideia do conceitual sem delimitações, segundo a qual o nosso aparato conceitual permeia completamente os impactos perceptivos vindos do mundo externo.

* Artigo recebido em Setembro 2018 e aprovado para publicação em Dezembro 2018.



Em *Mente e mundo* John McDowell reconduz a sua tese da indelimitação do conceitual ao idealismo absoluto de Hegel. No final da segunda conferência de *Mente e mundo*, onde ele apresenta a ideia da indelimitação do conceitual, McDowell escreve:

A rejeição da idéia de que o reino conceitual tenha uma fronteira externa é central para o Idealismo Absoluto, e chegamos a um ponto em que poderíamos começar a domesticar a retórica daquela filosofia. Considere, por exemplo, esta observação de Hegel: “Ao pensar, eu *sou livre*, pois não estou em um outro” (PdG, § 197). Isto expressa exatamente a imagem que venho usando, na qual o conceitual é indelimitado; não há nada fora dele.¹

A passagem do texto hegeliano que McDowell cita é tomada da *Fenomenologia* e, mais precisamente, trata-se da passagem sobre o estoicismo, no qual Hegel mostra como os limites da dialética do servo e senhor são superados na dialética da liberdade da autoconsciência, que começa exatamente com o estoicismo.² Aqui não estamos interessados em entrar nos detalhes da análise desse momento do percurso fenomenológico.³ Em vez disso, deve-se notar que McDowell interpreta essa passagem do texto hegeliano com base na leitura de Robert Pippin, que observa que essa passagem da *Fenomenologia* antecipa, de certa forma, a tese final que Hegel pretende mostrar através de todo o caminho da consciência, isto é, o saber absoluto, o que coincide com o conceito de pensamento objetivo que encontramos no início do sistema lógico hegeliano. De fato, em relação à passagem mencionada, Pippin escreve o seguinte:

De fato, se a passagem anterior fosse retirada do contexto e as caracterizações e supressões seguintes fossem ignoradas, a citação poderia ser confundida com uma das próprias afirmações através das quais Hegel resume o que acontece na lógica.⁴

¹ MCDOWELL, J. *Mente e mundo*. São Paulo: Idéias & Letras, 2005, p. 82.

² “No pensar, Eu sou livre; porque não estou em um Outro, mas pura e simplesmente fico em mim mesmo, e o objeto, que para mim é a essência, é meu ser-para-mim, em unidade indivisa; e meu movimento em conceitos é um movimento em mim mesmo” (HEGEL, G.W.F. *Phänomenologie des Geistes*. In: Moldauer, E., Michel, K.M. (org.). *Werke in zwanzig Bänden*, vol. 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1984, p. 156; *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Eiken e José Nogueira Machado. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005, pp. 152-153).

³ Para uma análise detalhada desta passagem do caminho fenomenológico, veja, por exemplo, CHIEREGHIN, F. *La Fenomenologia dello spirito di Hegel*. Introduzione alla lettura. Roma: Carocci, 2008, pp. 91-94; HOULGATE, S. *Hegel's Phenomenology of Spirit*. London: Bloomsbury, 2013, pp. 93-107; HYPPOLITE, J. *Genèse et structure de la Phénoménologie de l'esprit de Hegel*. Paris: Aubier, Éditions Mouton, 1946, pp. 151-183; J. STERN, R. *Hegel and the Phenomenology of Spirit*. London and New York: Routledge, 2002, pp. 83-89.

⁴ “Indeed, if the preceding passage were lifted out of context and the subsequent qualifications and sublations were ignored, the quotation might be mistaken for one of Hegel's own summery claims about what is going on in the Logic” PIPPIN, R. *Hegel's Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 164. Na realidade, ainda estamos bem longe da completa realização da liberdade de um pensamento que é plenamente ele mesmo no outro de si mesmo. Chierighin deixa isso muito claro quando, em relação ao

McDowell cita a passagem da *Fenomenologia* que mencionei precisamente com base nessa consideração de Pippin. Dizer que “no pensamento, eu sou livre” significa dizer que, no pensamento, não estou em nenhuma relação de dependência com um objeto do pensamento que seja diferente da esfera do próprio pensamento. Em outras palavras, as categorias de pensamento, se apropriadamente concebidas, não têm um objeto que está além da esfera do pensamento, porque o pensamento e o seu objeto são uma e a mesma coisa, ou seja, o pensamento está em completa e perfeita unidade com o seu conteúdo. Essa maneira de conceber o pensamento corresponde exatamente à tese mcdowelliana da indelimitação do conceitual, que parece encontrar uma correspondência significativa na concepção hegeliana do pensamento como um pensamento objetivo que, com as palavras de Pippin, é precisamente “what is going on in the logic.”

Consideremos, por exemplo, o que Stephen Houlgate escreve no início de *The Opening of Hegel's Logic* quando explica qual é o objetivo do sistema lógico hegeliano. Houlgate escreve o seguinte:

A *Ciência da lógica* de Hegel pode não ser o livro mais fácil do mundo para ser lido, mas, na minha opinião, não há mistério em torno de seu propósito. Ela fornece uma análise extensa das categorias básicas do pensamento. Essas categorias permeiam nossa consciência e linguagem e dão estrutura a tudo que percebemos.⁵

estoicismo, afirma o seguinte: “La figura dello stoicismo non è che l'estensione e l'approfondimento dell'impotenza e della situazione aporetica in cui era rimasta bloccata la dialettica servo-signore. La coscienza stoica, figlia di epoche di generale cultura, ma anche di generale paura e schiavitù, tenta di sottrarsi alla forza necessitante di appetito e timore, in cui resta irretita la dialettica servo-signore, rifugiandosi nell'essenza semplice del pensiero, dove, qualunque sia la situazione empirica in cui si trova a vivere, l'autocoscienza è libera, sia sul trono sia in catene. Ma questa libertà del pensiero è anche soltanto il pensiero della libertà, non certo la sua realtà né il suo effettuale godimento [...]. Nella sua opposizione a ogni forma di exteriorità, lo stoico si limita a ritirarsi, non a compiere l'effettiva armonizzazione con sé; il suo distinguersi dalla realtà pone così in campo una differenza che rimane superficiale e non ha la forza di spingere fino in fondo il potere della propria negatività” (CHIEREGHIN, *La Fenomenologia dello spirito di Hegel*, p. 92-93). No mesmo sentido, Hyppolite afirma o seguinte: “La définition de la pensée à laquelle nous venons de parvenir nous conduit-elle au terme de la *Phénoménologie* ou seulement à une étape particulière, encore imparfaite sur ce chemin que l'expérience? L'idéal ici proposé, celui de se retrouver soi-même dans l'être, la possibilité pour le Moi de ne pas sortir de lui-même en se fixant dans l'élément de l'extériorité, ce sont bien là les caractères mêmes de l'idéalisme hégélien; cependant l'étape n'est ici qu'une étape au sens strict du terme, car l'unité réalisée est encore une unité *immédiate*. [...] Le concept n'est pas encore ici la pénétration de la pensée dans la variété et la plénitude de l'être. Cette-pénétration est donc seulement *postulée* et c'est pourquoi Hegel fait ici au stoïcisme le reproche qu'il a souvent adressé pendant sa période de jeunesse au kantisme” (HYPPOLITE, *Genèse et structure de la Phénoménologie de l'esprit de Hegel*, 1946, pp. 174-5). Todavia, outros intérpretes têm, em relação ao estoicismo na *Fenomenologia*, uma intuição bem próxima da de Pippin. Por exemplo, Robert Stern afirma o seguinte: “Hegel saw in Stoicism not just a ‘slave ideology’, but the beginning of a new philosophical perspective that would ultimately culminate in something like his own outlook” (STERN, R. *Hegel and the Phenomenology of Spirit*, p. 88).

⁵ “Hegel’s *Science of Logic* may not be the easiest book in the world to read, but there is, to my mind, no mystery surrounding its purpose. It provides an extensive analysis of the basic categories of thought. These categories permeate our consciousness and language and give structure to all that we perceive” (HOULGATE, S. *The*

Portanto, na lógica de Hegel encontramos um pensamento que se constitui como sistema de categorias que permeia nossa consciência, nossa linguagem e nossa percepção do mundo exterior exatamente como na análise de McDowell encontramos um pensamento que se constitui como aparato categorial que está em perfeita unidade com o conteúdo da experiência. No prefácio a segunda edição da *Ciência da lógica*, Hegel escreve o seguinte:

em tudo aquilo de que ele [o ser humano] se apropria, e o que ele torna linguagem e exprime nela contém de modo mais encoberto, mais misturado ou mais elaborado uma categoria; tão natural lhe é o lógico, ou, precisamente: o mesmo é sua própria *natureza peculiar*.⁶

O que é definido por Hegel como “aquilo de que ele [o ser humano] se apropria” e que se exprime na linguagem corresponde, na análise de McDowell, a nada mais que ao conteúdo da experiência. Assim, como em Hegel tudo aquilo de que o homem se apropria contém uma categoria lógica, no mesmo modo, de acordo com McDowell, todo o conteúdo da experiência é permeado pelo conceitual:

As capacidades conceituais, cujas inter-relações encontram seu lugar adequado no espaço lógico *sui generis* das razões, podem ser operativas não apenas nos juízos – que são os resultados das decisões ativamente tomadas por um sujeito com relação a algo – como também nas transições que, no interior da natureza, são constituídas pelos impactos do mundo sobre as capacidades receptivas de um sujeito adequado.⁷

E, assim, como para Hegel as categorias lógicas ou, mais geralmente, a lógica, é a natureza peculiar do ser humano, da mesma forma, na perspectiva de McDowell o conceitual pertence àquilo que ele chama de segunda natureza: “os seres humanos adquirem uma segunda natureza ao serem iniciados nas capacidades conceituais, cujas interrelações encontram seu lugar natural no espaço lógico das razões.”⁸

Assim, Hegel e McDowell parecem conceber o pensamento de uma maneira bem semelhante. Ambos estão envolvidos na tentativa de explicar o que é um pensamento que não

Opening of Hegel's Logic. From *Being to Infinity*. West Lafayette: Purdue University Press, 2006, p. 9).

⁶ HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik*, in: Moldauer, E., Michel, K. M. (org.). **Werke in zwanzig Bände**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, vol. 5, p. 20; *Ciência da lógica. A doutrina do ser*. trad. Iber, C.; Miranda, M., Orsini, F., Petrópolis: Vozes, 2016, p. 32.

⁷ MCDOWELL, **Mente e mundo**, pp. 32-33. Igualmente, numa outra passagem do texto, McDowell afirma que “as capacidades conceituais relevantes são exercidas *na* receptividade. [...] Elas não se exercem *sobre* uma entrega extraconceitual da receptividade. Devemos entender aquilo que Kant chama de ‘intuição’ – o ingresso de experiências – não como a mera obtenção de um Dado extraconceitual, mas como um tipo de ocorrência ou estado que já possui conteúdo conceitual” (MCDOWELL, **Mente e mundo**, p. 45).

⁸ MCDOWELL, **Mente e mundo**, p. 32.

seja meramente formal, na medida em que o pensar não é somente um aparato categorial do sujeito que encontra seu conteúdo no mundo exterior. Pelo contrário, o pensar consiste em um sistema de categorias que permeiam completamente o seu próprio conteúdo e, assim, o pensar consiste em um sistema de categorias que são uma e a mesma coisa com seu próprio conteúdo.

Nesse sentido, de acordo com Hegel, o pensamento não é um sistema de categorias formais que têm um estatuto puramente subjetivo, e não é reduzível a um sistema de categorias completamente vazio que, como tal, seria aplicado a um conteúdo de um mundo externo e independente dele. Portanto, poderíamos dizer que Hegel compartilha a crítica ao terceiro dogma do empirismo que McDowell assume de Davidson.

O terceiro dogma do empirismo, analisado criticamente por Davidson no artigo *On the very idea of a conceptual scheme*,⁹ corresponde à distinção entre esquema conceitual e conteúdo. O esquema conceitual é uma forma de categorizar e organizar um conteúdo, que é aquilo oriundo dos aportes da sensação. Podemos ter diferentes tipos de esquemas conceituais, que são incorporados de formas diferentes em diferentes tipos de linguagens. O esquema conceitual, portanto, é o meio que organiza a nossa experiência e que, assim, confere uma forma aos nossos pensamentos.¹⁰

O pressuposto da ideia de esquema conceitual é, então, o dualismo entre forma (esquema conceitual) e conteúdo (aportes perceptivos). Exatamente esse pressuposto é definido por Davidson como terceiro dogma do empirismo e representa o foco do seu ataque.¹¹ Por um lado, temos o conteúdo empírico que nos é fornecido através do nosso contato perceptivo com o mundo exterior e, por outro, temos a forma pela qual esse conteúdo é articulado, ou seja, o esquema conceitual através do qual esse conteúdo se torna significativo para nós.

McDowell recupera a crítica de Davidson ao terceiro dogma em vários lugares dos seus textos. Já no início do primeiro capítulo de *Mente e mundo*, McDowell apresenta sua análise afirmando o seguinte: “o tema geral de que me ocuparei nestas conferências é o modo como os

⁹ Cf. DAVIDSON, D. *On the Very Idea of a Conceptual Scheme*. In: DAVIDSON, D. **Inquiries into Truth and Interpretation**. Oxford: Clarendon Press, 1984, pp. 183-198; Sobre a própria ideia de esquema conceitual. In: BRAIDA, R. Celso (trad. e org.). **Antologia de ontologia**. Florianópolis: Rocca Brayde, 2011, pp. 5-26.

¹⁰ “Esquemas conceituais, dizem-nos, são modos de organizar a experiência; são sistemas de categorias que dão forma aos dados dos sentidos; são pontos de vista a partir dos quais indivíduos, culturas ou períodos examinam a cena dos acontecimentos” (DAVIDSON, **Sobre a própria ideia de esquema conceitual**, p. 5).

¹¹ “Gostaria de frisar que não é possível tornar este segundo dualismo, o de esquema e conteúdo, o de sistemas organizadores e algo à espera de ser organizado, inteligível e defensável. Ele próprio é um dogma do empirismo, o terceiro dogma. O terceiro e talvez último, pois se o abandonamos não fica claro se resta algo distinto a ser chamado empirismo” (DAVIDSON, **Sobre a própria ideia de esquema conceitual**, p. 14).

conceitos medeiam as relações entre as mentes e o mundo. Enfocarei a discussão de um ponto de vista filosófico familiar, que Donald Davidson descreveu como dualismo do esquema e do conteúdo.”¹² Ele continua o texto mostrando em que sentido o ataque de Davidson ao terceiro dogma se torna relevante na abordagem conceitualista da seguinte maneira:

Se o conteúdo está dualisticamente oposto àquilo que é conceitual, ‘conteúdo’ não pode significar aquilo que tem frequentemente significado na filosofia contemporânea, isto é, aquilo que é dado por uma cláusula “que” em contextos como, por exemplo, a atribuição de uma crença. Apenas para dispormos de um rótulo, chamarei o conteúdo, tomado neste sentido, de ‘conteúdo representacional.’ O conteúdo representacional não pode ser dualisticamente contraposto àquilo que é conceitual. Isto é óbvio, por mais simpáticos que sejamos à ideia de haver conteúdos representacionais de natureza não conceitual.¹³

A ideia de McDowell parece ser a seguinte: não faz sentido falar de um conteúdo representacional numa perspectiva de um dualismo entre esquema conceitual e conteúdo. O conteúdo representacional enquanto tal é, kantianamente, já o resultado de uma interação entre intuições e conceitos, receptividade e espontaneidade, aportes perceptivos e capacidades conceituais.

Poderíamos dizer que Hegel antecipa a crítica de Davidson ao terceiro dogma e que essa posição, na sua proposta filosófica, tem a função de questionar o status meramente subjetivo de um pensamento concebido como independente do seu conteúdo. Na *Ciência da lógica* Hegel escreve o seguinte:

O conceito da lógica até agora repousa na separação, pressuposta como definitiva pela consciência comum, do *conteúdo* do conhecimento e da *forma* do mesmo ou da *verdade* e da *certeza*. *Primeiramente*, pressupõe-se que a matéria do conhecimento como um mundo acabado presente em e para si fora do pensar [*als eine fertige Welt außerhalb des Denkens an und für sich vorhanden*], que o pensar para si é vazio [*das Denken für sich leer sei*], aproxima-se exteriormente daquela matéria como uma forma, preenche-se com ela e apenas assim ganha um conteúdo e torna-se, através disso, um conhecer real.¹⁴

Nessa passagem da *Ciência da lógica*, Hegel está criticando a concepção formal das categorias de pensamento. A concepção do pensamento até Hegel baseou-se na separação entre forma e conteúdo do pensamento, onde a forma é completamente vazia e encontra seu conteúdo apenas

¹² MCDOWELL, *Mente e mundo*, p. 39.

¹³ MCDOWELL, *Mente e mundo*, p. 39.

¹⁴ HEGEL, *Werke*, vol. 5, p. 36-7; p. 46.

em um mundo exterior e autônomo em relação ao pensar. Nessa concepção, então, por um lado, há a matéria do conhecimento, ou seja, o conteúdo do pensamento que existe como algo já pronto (*fertig*), ou, traduzido para a linguagem de McDowell, há o conteúdo do pensamento como um dado imediato. Hegel fala desse conteúdo como de um objeto que “é algo para si consumado, acabado, que poderia dispensar perfeitamente o pensar para sua efetividade.”¹⁵ Trata-se de um conteúdo que é algo em si mesmo independente da esfera das mediações conceituais. Por outro lado, há um pensamento vazio que encontra seu conteúdo só nesses dados imediatos ou, traduzido para a linguagem contemporânea, o próprio esquema conceitual está vazio enquanto o seu conteúdo estaria em um espaço distinto do espaço dos conceitos. O pensar, assim, como Hegel escreve, “seria algo deficiente, que apenas deveria se completar em uma matéria e, na verdade, como uma forma maleável e indeterminada, deveria se adequar à sua matéria.”¹⁶

Portanto, Hegel está criticando a concepção do pensamento na qual, de um lado, temos o conteúdo do pensar que é um dado imediato “presente em e para si fora do pensar”, de outro, temos as formas do pensar, ou seja, o esquema conceitual, que “aproxima-se exteriormente daquela matéria”, ou seja, do dado imediato. O objeto da crítica hegeliana é, então, como para McDowell, o modo de conceber o pensar baseado na distinção entre esquema conceitual e conteúdo:

na medida em que a diversidade da matéria e da forma, do objeto e do pensar, não é abandonada àquela indeterminidade nebulosa, mas é tomada de modo mais determinado, cada um é uma esfera separada da outra.¹⁷

O terceiro dogma do empirismo é, assim, exatamente o ponto que tanto Hegel quanto McDowell querem questionar. Como nota Michael Quante, Hegel rejeita a separação entre esquema conceitual e conteúdo e, com isso, a tese segundo a qual seria possível isolar um esquema conceitual do conteúdo ao qual o esquema é aplicado.¹⁸

¹⁵ HEGEL, *Werke*, vol. 5, p. 37; pp. 46-7.

¹⁶ HEGEL, *Werke*, vol. 5, p. 37; p. 47.

¹⁷ HEGEL, *Werke*, vol. 5, p. 37; p. 47.

¹⁸ Quante mostra como Hegel antecipa a crítica de Davidson ao terceiro dogma do empirismo e, com isso, as duas teses que o dogma implica, ou seja, a possibilidade de abstrair um esquema conceitual do conteúdo empírico e a incommensurabilidade entre esquemas conceituais diferentes: “Im Zuge dessen verwirft er die Trennung zwischen ‘Begriffsschema und Gehalt’ und den strikten Gegensatz zwischen »analytisch und synthetisch«. Mit der Trennung von Begriffsschema und Gehalt sind zwei Annahmen verbunden. Grundlegend für dieses »dritte Dogma des Empirismus«¹² ist die erste These, der zufolge es möglich ist, ein Begriffsschema – verstanden als zugrunde liegendes Kategoriensystem – von dem Gehalt, auf das es angewendet wird, zu isolieren. Auf Grundlage dieser ersten Annahme wird die zweite These vertreten, dass inkommensurable Begriffsschemata existieren können, was

Mas por que a concepção do pensamento subjacente ao terceiro dogma do empirismo, tanto para Hegel como para McDowell, é problemática? Tanto no caso de Hegel, quanto naquele de McDowell, essa concepção do pensamento é tal que o pensamento ou, dito com McDowell, o conceitual, é tornado algo delimitado, finito e, como tal, é um pensamento que não é capaz de fornecer um acesso epistêmico à realidade.

De fato, a raiz das implicações problemáticas do Mito do Dado e do coerentismo, segundo McDowell, é uma concepção finita de determinações de pensamento. Se permanecemos na dicotomia entre o espaço lógico dos conceitos e o espaço lógico da natureza, o segundo delimita o primeiro. O resultado é nada mais que a oscilação que caracteriza a filosofia moderna entre um mito do dado, onde o conteúdo empírico não consegue entrar legitimamente no espaço das razões porque fica fora da esfera conceitual, e o coerentismo de Davidson, onde o pensamento fica preso no próprio espaço dos conceitos e perde o contato epistêmico efetivo com o mundo externo.¹⁹

No caso de Hegel, a concepção formal do pensamento pode corresponder, como vimos, a uma concepção em que o esquema conceitual e o conteúdo do pensamento permanecem separados. Como em McDowell, o conteúdo do pensamento permanece externo à esfera conceitual e, portanto, o delimita. A natureza finita das categorias de pensamento implica a sua incapacidade de ter acesso à verdade propriamente dita:

tratar os conceitos e os momentos do conceito em geral, as determinações do pensar primeiramente como formas que seriam diversas da matéria e estariam apenas nela, isto se manifesta imediatamente em si mesmo como um comportamento inadequado à verdade.²⁰

As consequências dessa concepção finita do pensar são, na análise hegeliana, parecidas à oscilação delineada por McDowell. Segundo Hegel, a partir dessa concepção formal e delimitada do pensamento, de um lado nós não podemos não ficar presos dentro da esfera do próprio pensamento e, assim, não conseguimos conquistar um contato com a matéria do

wiederum einen irreduziblen Begriffsrelativismus impliziert. Wie McDowell, der in dieser Frage Davidson folgt, erachtet auch Hegel diese beiden Thesen als falsch” (QUANTE, M, *Die Wirklichkeit des Geistes*. Berlin: Suhrkamp, 2011, p. 43).

¹⁹ De fato, apesar de criticar o terceiro dogma, Davidson recai num novo tipo de dualismo: “However, it would seem he just substitutes one dualism for another by substituting the term ‘belief’ for ‘conceptual scheme.’ Instead of talking about the scheme/content dualism, we now have a logical space of reasons constituted by beliefs and a causal space of sensory information impinging on us (‘experiential intake,’ in McDowell’s vocabulary)” (GUZMÁN, *Relating Hegel’s Science of Logic to Contemporary Philosophy*, p. 11).

²⁰ HEGEL, *Werke*, vol. 5, p. 28; p. 38.

pensamento em si mesma; do outro lado, a própria matéria do pensamento, estando como algo externo à esfera do pensar, ou seja, como dado imediato, não consegue entrar na esfera do pensamento e, então, não consegue se tornar conteúdo para o pensamento, permanecendo assim apenas como uma coisa em si que fica além do pensar. É exatamente isso que Hegel quer dizer quando escreve o seguinte:

Portanto, o pensar não ultrapassa a si mesmo em seu receber e em seu formar da matéria, seu receber e seu acomodar-se a ela permanecem uma modificação de si mesmo; desse modo, ele não vem a ser o seu outro; e o determinar autoconsciente pertence de todo modo apenas a ele; portanto, ele não consegue também em sua relação com o objeto, sair de si em direção ao objeto: este permanece, enquanto uma coisa em si, pura e simplesmente um além do pensar.²¹

Portanto, para Hegel, como para McDowell, as categorias do pensamento concebidas como esquemas formais são inadequadas à verdade na medida em que não fornecem um acesso à verdade, porque essas categorias não conseguem construir uma ponte que forneça um acesso à matéria do pensamento propriamente dita. A saída da concepção delimitada, ou finita, do conceitual é, em McDowell, a concepção indelimitada do conceitual:

Numa experiência específica [...], o que essa pessoa observa é *que as coisas são de tal e tal modo*. *Que as coisas são de tal e tal modo* é o conteúdo da experiência, e também pode ser o conteúdo de um juízo: torna-se o conteúdo de um juízo caso o sujeito decida tomar a experiência por seu valor de face. Nessa medida, ele é um conteúdo conceitual. Mas *que as coisas são de tal e tal modo* também é [...] um aspecto da disposição geral do mundo: é o modo como as coisas são. Assim, a ideia de operações de receptividade conceitualmente estruturadas nos permite falar na experiência enquanto abertura para a disposição geral da realidade.²²

De forma correspondente, a saída da concepção delimitada, ou finita, do conceitual é, em Hegel, a concepção do pensamento como pensamento objetivo. No parágrafo §24 da Enciclopédia, Hegel caracteriza o pensamento objetivo precisamente por contraste a uma concepção formal do pensamento:

Mas previamente é preciso atentar bem que, enquanto o pensamento procura fazer das coisas um conceito, esse conceito (e por isso também suas formas mais imediatas, o juízo e o silogismo) não pode consistir em determinações e relações que sejam estranhas e exteriores às coisas. A reflexão – foi dito acima – leva ao universal das coisas; esse porém é, ele mesmo, um dos momentos-do-conceito. Que haja

²¹ HEGEL, *Werke*, vol. 5, p. 37; p. 47.

²² MCDOWELL, *Mente e mundo*, p. 63.

entendimento e razão no mundo, isso diz o mesmo que contém a expressão “pensamento objetivo.”²³

Até aqui, Hegel e McDowell parecem seguir o mesmo caminho na tentativa de curar as angústias da filosofia moderna através de uma concepção não finita do pensar. Tanto para Hegel quanto para McDowell, o conceitual é indelimitado ou, em termos hegelianos, o conceitual é absoluto, na medida em que não tem uma matéria externa ao conceitual da qual o conceitual ficaria dependente. Em outras palavras, tanto para Hegel quanto para McDowell a realidade é epistemicamente acessível porque em si mesma, é racional. Dizer isso não significa reduzir a realidade às categorias do pensamento, mas significa dizer que a realidade é, em si mesma, pensável.

Nesse sentido, aquilo que McDowell, citando a *Fenomenologia do Espírito*, chama de ‘idealismo absoluto’ hegeliano, corresponde ao realismo conceitual que caracteriza a sua própria abordagem filosófica. Uma convergência entre a proposta hegeliana e a de McDowell é portanto inegável. Todavia, temos que nos perguntar se essa correspondência justifica também uma redutibilidade da tese hegeliana à ideia mcdowelliana da indelimitação do conceitual.

Na segunda parte do artigo irei justamente tentar responder a essa pergunta.

2. Indelimitação do conceitual. Um retorno ao pensamento objetivo de Hegel?

Até aqui identifiquei alguns pontos de convergência entre a ideia de McDowell do conceitual sem delimitações e a noção hegeliana de pensamento objetivo. Nessa segunda parte, para entender se a abordagem de McDowell pode constituir um retorno ao pensamento hegeliano, analisarei a forma na qual os dois autores em questão caracterizam o pensamento como infinito, ou seja, como absoluto. A questão é a seguinte: quando os dois autores apontam para a ausência de delimitações que caracterizam a esfera do pensamento propriamente dito, eles estão pensando a mesma coisa? Ou seja, o espaço conceitual em McDowell é desprovido de delimitações no mesmo sentido em que aquele de Hegel o é?

O ponto de partida, para responder a esta pergunta pode ser uma passagem da *Enciclopédia* onde Hegel se refere a duas maneiras em que as determinações de pensamento

²³ HEGEL, G.W.F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*, in: Moldauer, E., Michel, K.M. (org.). *Werke in zwanzig Bände*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, vol. 8, p. 81; *Enciclopédia das ciências filosóficas*. Vol 1. A ciência da lógica, trad. Meneses, P., São Paulo: Loyola, 1995, pp. 77-78.

podem ser afetadas pela finitude.²⁴ Ou seja, há duas maneiras pelas quais o conceitual, de acordo com Hegel, pode ser delimitado, e Hegel pretende superar ambos esses tipos de finitude:

Se as determinações-de-pensamento estão afetadas de uma oposição fixa, isto é, se são apenas de natureza *finita*, então são inadequadas a verdade, que é absolutamente em si e para si; assim não pode entrar a verdade no pensar. O pensar que só produz determinações finitas e nelas se move chama-se *entendimento* [Verstand] no sentido estrito do termo. Mais precisamente, a *finitude* das determinações-de-pensamento deve-se compreender de dois modos: um, em que são *só subjetivas* e têm a oposição permanente no objetivo; outro, em que, por seu *conteúdo limitado* em geral, persistem na oposição, tanto umas para com as outras como também, mais ainda, para com o absoluto.²⁵

Portanto, de acordo com Hegel, como antecipei, existem dois sentidos em que as determinações de pensamento podem ser finitas.

Em primeiro lugar, as determinações de pensamento podem ser finitas pela sua forma, na medida em que elas se opõem à objetividade, isto é, são categorias meramente subjetivas que devem ser aplicadas a um conteúdo externo a elas. Portanto, elas não podem dar conta adequadamente desse conteúdo. Essa finitude pode ser reconduzida à finitude das determinações de pensamento concebida como categorias meramente formais, isto é, Hegel está criticando exatamente aquela finitude do pensar meramente formal que analisei na primeira parte desta apresentação. As categorias lógicas são limitadas por um conteúdo externo que é simplesmente algo dado. Portanto, de um lado, esse conteúdo – a objetividade – é algo que não pode ser totalmente mediado por elas e, por outro lado, as categorias são formas vazias e meramente subjetivas que não conseguem estabelecer um contato efetivo com a objetividade.

Este tipo de crítica, como mostrei na primeira parte da apresentação, corresponde à crítica de McDowell ao mito do dado e ao coerentismo, na medida em que ambos são afetados por uma concepção delimitada do conceitual. De um lado, no mito do dado o espaço dos

²⁴ Nesta última parte do artigo vou retomar e elaborar algumas ideias que já apresentei em BORDIGNON, M. Objectivity and Subjectivity in Hegel and McDowell. In: SANGUINETTI, F e ABATH, A. (org.), **McDowell and Hegel**. Perceptual Experience, Thought and Action. Cham, Switzerland: Springer, 2018, pp. 155-174.

²⁵ HEGEL, **Werke**, vol. 8, p. 91; p. 87. Hegel afirma o mesmo nas *Vorlesungen*: “so ist auch diese Denkbestimmung damit zugleich eine endliche. Diese Endlichkeit in den Denkbestimmungen ist auf doppelte Weise aufgefaßt: Nämlich die eine Weise ist diese: Es sind Gedankenbestimmungen, und diese sind nur [etwas] Subjektives, sie haben ein Ende am Objekt, dieses ist eine Negation dagegen; oder die Endlichkeit kann in dieselbe Seite fallen, die Denkbestimmungen können an ihnen [selbst] endlich sein, wenn eine Denkbestimmung an der anderen ihre Grenze hat: Der Inhalt einer Denkbestimmung kann [eine] Schranke haben an einer anderen, so hat die Ursache [ihre] Schranke an der Wirkung, der Raum hat eine Grenze” (HEGEL, G.W.F. **Vorlesungen**. Ausgewählte Nachschriften und Manuskripte, Vorlesungen über die Logik, Nachgeschrieben von Karl Hegel, hrsg. von RAMEIL, U. unter Mitarbeit von LUCAS, H.C., Hamburg: Meiner, 2001, p. 22).

conceitos é limitado pelos aportes da percepção. De outro lado, no coerentismo de Davidson o espaço dos conceitos perde os seus contatos com o mundo externo, que permanece fora dos limites desse espaço e, portanto, o delimita. Nesse sentido, a crítica de Hegel à concepção finita das determinações de pensamento segundo sua forma corresponde à crítica de McDowell à concepção delimitada do conceitual.

O objetivo tanto de McDowell quanto de Hegel é superar esse primeiro tipo de finitude. McDowell faz isso em *Mente e mundo*, onde mostra como é possível superar, em uma perspectiva terapêutica, visões filosóficas opostas – o empirismo que leva ao mito do dado e o coerentismo – baseadas na dicotomia entre esquema conceitual e conteúdo. Um trabalho parecido é feito por Hegel na *Fenomenologia do espírito*, onde Hegel analisa e ‘cura’ todas as formas de separação entre a consciência e o seu objeto, e então entre subjetividade e objetividade.²⁶ O resultado da análise de McDowell é a ideia da indelimitação do conceitual, onde mente e mundo se encontram e são, poderíamos dizer, unidos no espaço dos conceitos. O resultado da análise hegeliana da *Fenomenologia* é o saber absoluto, onde é superado cada tipo de cisão entre sujeito e objeto. Exatamente por este tipo de convergência entre os dois projetos, McDowell define *Mente e mundo* como um “prolegômeno à leitura da *Fenomenologia*.”²⁷

Em segundo lugar, segundo Hegel, as determinações de pensamento podem ser finitas também ‘por seu conteúdo.’ Na base de um conteúdo que seria, como fala Hegel, limitado em geral, as determinações do pensamento “persistem na oposição, tanto umas para com as outras como também, mais ainda, para com o absoluto.”²⁸ O tipo de finitude em questão afeta as determinações de pensamento quando se trata de determinações imediatas, ou seja, de determinações que não estão em relações internas entre si e com a articulação sistemática em que somente elas desenvolvem seu conteúdo completo e verdadeiro. Este segundo tipo de finitude não tem a ver com a relação entre esquema conceitual e conteúdo empírico, mas com um outro tipo de conteúdo das categorias de pensamento, ou seja, o conteúdo das categorias em si mesmas. Nessa segunda forma de finitude das determinações do pensamento, então, é o

²⁶ “In the Introduction to the *Phenomenology* Hegel lays out the problematic of the idea of the true using as guiding thread the opposition between the object in itself and the object for consciousness. The “in-itself” is the content thought, what is real, undisturbed by its being thought, whereas the “for-consciousness” is what is thought about the content, the identification of it as something, determined by a particular scheme” (GUZMÁN, *Relating Hegel’s Science of Logic to Contemporary Philosophy*, 2015, p. 8).

²⁷ MCDOWELL, *Mente e mundo*, p. 21.

²⁸ HEGEL, *Werke*, vol. 8, p. 91; p. 87.

conteúdo das determinações em si mesmas que é finito ou, é um conteúdo delimitado, na medida em que não desenvolve completamente a sua estrutura interna.

Se consideramos a crítica hegeliana ao segundo tipo de finitude, que tem a ver com o conteúdo das determinações do pensamento em si mesmas, a abordagem de Hegel e McDowell é bem diferente. Hegel trabalha sobre este tipo de finitude na *Ciência da Lógica*. Ele parte do resultado da *Fenomenologia* – a unidade imediata de subjetividade e objetividade, de pensamento e ser – e desenvolve o conteúdo desta unidade, analisando as relações entre as diferentes determinações de pensamento que constituem o conteúdo das próprias determinações. Neste caminho se torna completamente explícita a natureza e a estrutura do conceitual. Pelo contrário, McDowell não parece tomar em consideração este tipo de finitude.

Mas então a pergunta fundamental é a seguinte: o espaço conceitual de McDowell é indelimitado exatamente no mesmo sentido em que o espaço conceitual de Hegel o é? Em *Mente e mundo* McDowell mostra como se livrar daquela que, em Hegel, é a finitude das determinações do pensamento segundo a forma, com uma tese que representa um retorno ao pensamento hegeliano. Com o conceitual sem delimitações, McDowell se livra da dicotomia entre esquema conceitual e conteúdo, exatamente como Hegel, na *Fenomenologia*, se livra de todos os tipos de dicotomias entre a consciência e o seu objeto. Porém, McDowell, diferentemente de Hegel, não explora o conteúdo desta unidade, que permanece uma unidade meramente imediata.

Com isso quero dizer que Hegel certamente concordaria com a análise apresentada por McDowell em *Mente e mundo*, mas ele não ficaria satisfeito com a simples combinação de espontaneidade e receptividade. Esta tese pode ser considerada como uma consequência de seu projeto. Todavia, quando Hegel fala do pensamento objetivo, que seria aquela tese do idealismo absoluto à qual McDowell reconduz a sua, Hegel tem em mente muito mais que esta combinação imediata de espontaneidade e receptividade. Mais especificadamente, quando Hegel se refere ao pensamento objetivo, ele tem em mente uma noção de forma lógica que é bem mais complexa que aquela de McDowell.

Hegel supera a concepção finita do conceitual de uma maneira que é mais radical do que McDowell. Ele pretende desenvolver um conceito de pensamento que não seja simplesmente em perfeita unidade com o seu conteúdo, porque é um pensamento capaz de criar seu próprio conteúdo e, portanto, capaz de ser um pensamento que é a espontaneidade efetiva

que gera dentro de si as suas próprias coerções. Na seção introdutória da doutrina do conceito, Hegel afirma o seguinte:

O conhecimento que se encontra puramente enquanto tal apenas no conceito ainda é incompleto e chegou somente à *verdade abstrata*. Mas sua incompletude não reside no fato de ele carecer daquela pretensa realidade que é dada no sentimento e na intuição, mas no fato de que o conceito ainda não deu a si sua realidade *própria* gerada a partir dele mesmo.²⁹

A solução para aquela que Hegel define como a carência “daquela suposta realidade que é dada no sentimento e na intuição”, que é a solução que McDowell realiza através da integração da espontaneidade e da receptividade, é uma condição necessária, mas não é uma condição suficiente para articular uma concepção adequada de pensamento objetivo. Na visão de Hegel, a ideia de que as capacidades conceituais estão operantes na receptividade dá conta do acesso epistêmico à realidade e, assim, Hegel concordaria com a estratégia de McDowell para dissolver as ansiedades filosóficas modernas. No entanto, a tese de que as capacidades conceituais são operantes na receptividade não dá conta do sentido em que Hegel fala do aparato das categorias como de um sistema de formas absolutas:

Frente a essas ciências concretas, mas que têm e conservam o lógico, ou seja, o conceito, como figurador interno, assim como o tinham como prefigurador, a própria lógica é, certamente, a ciência *formal*, mas a ciência da *forma absoluta*, a qual dentro de si é totalidade e contém a *ideia pura da própria verdade*. Essa forma absoluta tem seu conteúdo ou realidade nela mesma; o conceito, enquanto não é a identidade vazia, trivial, tem, no momento de sua negatividade ou do determinar absoluto, as diferentes determinações; em geral, o conteúdo nada mais é do que tais determinações da forma absoluta –, o conteúdo posto por ela mesma e, portanto, também adequado a ela. – Essa forma é, por isso, também de uma natureza inteiramente diferente do modo como as formas lógicas são tomadas habitualmente.³⁰

Hegel define a forma lógica como absoluta porque trata-se de uma forma lógica que não depende de um conteúdo externo, uma vez que é uma forma que se dá seu próprio conteúdo concreto. A maneira pela qual as formas lógicas se dão seu conteúdo é, na visão de Hegel, nada mais que a dialética intrínseca das determinações de pensamento, que é baseada na sua intrínseca negatividade. Na *Ciência da Lógica*, a dialética das determinações lógicas é o

²⁹ HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik*. In: Moldauer, E., Michel, K. M. (org.). **Werke in zwanzig Bände**, vol. 6, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, pp. 263-4; **Ciência da lógica. A doutrina do conceito**. trad. Iber, G. e Orsini, F., Petrópolis: Vozes, 2018, p. 52.

³⁰ HEGEL, **Werke**, vol. 6, pp. 265; p. 54.

processo de autodeterminação do pensamento. A partir da sua forma mais imediata, o pensamento desenvolve intrinsecamente a sua articulação objetiva concreta em uma estrutura sistemática em que o próprio pensamento deve exibir sua justificativa completa. O projeto da lógica de Hegel pode ser considerado, assim, como a construção do espaço lógico – o espaço lógico dos conceitos – que é, ao mesmo tempo, a justificação racional do próprio processo construtivo.

Nesse sentido, há uma diferença crucial entre as abordagens de Hegel e McDowell. Enquanto na análise de Hegel a constituição do espaço dos conceitos é completamente justificada e mediada em si mesma, a tese de McDowell da combinação da espontaneidade com a receptividade e, com isso, da unidade de subjetividade e objetividade, é assumida simplesmente como saída das *aporiai* do empirismo e do idealismo, mas não é justificada em si mesma. Se considerarmos a abordagem terapêutica de McDowell, isso é perfeitamente razoável. No entanto, mesmo que McDowell consiga resolver as implicações problemáticas do mito do dado perceptivo, ele faz isso apenas assumindo um conceitual como dado que está em operação na experiência. Em outras palavras, a convergência da esfera conceitual com aquela dos dados perceptivos tem uma justificação que é apenas dogmática. Esta justificação depende da necessidade assumida de resolver um problema e não de uma investigação sobre a natureza do conceitual em si mesmo.

A medida segundo a qual esta falta de justificação se torna problemática depende da tarefa que atribuímos à filosofia. Dado o diagnóstico de McDowell e Hegel sobre o dualismo filosófico moderno, o objetivo de McDowell é mostrar como é possível pensar que temos um acesso epistêmico à realidade através da tese do conceitual sem delimitações. O objetivo do projeto lógico hegeliano é mostrar que temos efetivamente esse acesso epistêmico, assim como definir a forma na qual esse acesso se constitui e se articula em um sistema de categorias conceituais justificadas no processo de autodeterminação do próprio pensamento.³¹

³¹ Federico Sanguinetti, seguindo um caminho diferente do meu, chega a uma conclusão muito próxima àquela que estou propondo aqui. Mais precisamente, ele afirma o seguinte: “I think that UC is articulated by Hegel in stronger terms than by McDowell—who, despite the strong affinities with the Hegelian position, seems to develop a sort of ‘deflationistic’, still—at least in part!—Kant-oriented version of what Hegel expounds in the *Science of Logic* and in the system in general. As a matter of fact, Hegel’s position about UC seems to me inseparable from the commitment to the justification of a determinate ontological and conceptual configuration of reality as articulated according to necessary stages, and in which nature and spirit are conceived of as sides of an internal self-differentiation of a complex notion of thought and Concept. All this requires to make a move not only in the direction of constructive philosophy, but also of a metaphysics of reality. It is this very step that I think McDowell is unwilling to take” (SANGUINETTI, F. Hegel and McDowell on the “Unboundedness of the Conceptual. In:

Michela Bordignon

*Universidade Federal do ABC, CCNH – Centro de Ciências Naturais e Humanas
Campus São Bernardo do Campo – Rua Aecturus, 03. Bairro Jardim Antares
CEP 09606-070
São Bernardo do Campo, SP*

michela.bordignon@ufabc.edu.br

REFERÊNCIAS

BORDIGNON, Michela. Objectivity and Subjectivity in Hegel and McDowell. In: SANGUINETTI, Federico e ABATH, André (org.), **McDowell and Hegel**. Perceptual Experience, Thought and Action. Cham, Switzerland: Springer, 2018.

CHIEREGHIN, Franco. **La Fenomenologia dello spirito di Hegel**. Introduzione alla lettura. Roma: Carocci, 2008.

DAVIDSON, Donald. A Coherence Theory of Truth and Knowledge” In: **Kant oder Hegel? Über Formen der Begründung in der Philosophie**. Stuttgart: Klett-Cotta, 1983, pp. 423-438.

DAVIDSON, Donald. On the Very Idea of a Conceptual Scheme. In: DAVIDSON, D. **Inquiries into Truth and Interpretation**. Oxford: Clarendon Press, 1984, pp. 183-198; Sobre a própria ideia de esquema conceitual. In: R. BRAIDA, Celso (trad. e org.). **Antologia de ontologia**. Florianópolis: Rocca Brayde, 2011, pp. 5-26.

GUZMÁN, Luis. **Relating Hegel’s Science of Logic to Contemporary Philosophy**. New York: Palgrave, 2015.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Phänomenologie des Geistes. In: Moldauer, E., Michel,

SANGUINETTI, F e ABATH, A. (org.), **McDowell and Hegel**. Perceptual Experience, Thought and Action. Cham, Switzerland: Springer, 2018, pp. 135-153, p. 148).

K.M. (org.). **Werke in zwanzig Bänden**, vol. 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1984; **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse. In: Moldauer, E., Michel, K.M. (org.). **Werke in zwanzig Bände**, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, vol. 8, p. 81; **Enciclopédia das ciências filosóficas. A doutrina do ser**. Vol 1. A ciência da lógica, trad. Meneses, P., São Paulo: Loyola, 1995.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Vorlesungen**. Ausgewählte Nachschriften und Manuskripte, Vorlesungen über die Logik, Nachgeschrieben von Karl Hegel, hrsg. von RAMEIL, Udo, unter Mitarbeit von LUCAS, Hans-Christian., Hamburg: Meiner 2001.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, Wissenschaft der Logik. In: Moldauer, E., Michel, K. M. (org.). **Werke in zwanzig Bände**, vol. 5, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986; **Ciência da lógica. A doutrina do ser**. trad. Iber, G.; Miranda, M., Orsini, F., Petrópolis: Vozes, 2016.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, Wissenschaft der Logik. In: Moldauer, E., Michel, K. M. (org.). **Werke in zwanzig Bände**, vol. 6, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, pp. 240-573; **Ciência da lógica. A doutrina do conceito**. trad. Iber, G. e Orsini, F., Petrópolis: Vozes, 2018.

HOULGATE, Stephen. **The Opening of Hegel's Logic**. From Being to Infinity. West Lafayette: Purdue University Press, 2006.

HOULGATE, Stephen. **Hegel's phenomenology of spirit**. London: Bloomsbury, 2013.

MCDOWELL, John. **Mente e mundo**. São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

PIPPIN, Robert. **Hegel's Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

QUANTE, Michael. **Die Wirklichkeit des Geistes**. Berlin: Suhrkamp, 2011.

SANGUINETTI, Federico. Hegel and McDowell on the “Unboundedness of the Conceptual.
In: SANGUINETTI, Federico e ABATH, André. (org.), **McDowell and Hegel**. Perceptual Experience, Thought and Action. Cham, Switzerland: Springer, 2018, pp. 135-153.

STERN, Robert. **Hegel and the Phenomenology of Spirit**. London and New York: Routledge, 2002, pp. 83-89.